

NÃO É ARTE! QUEM DISSE? ENTREVISTAS COM TRANSEUNTES DO CENTRO DE PELOTAS

MEIRELES, Nauita Martins¹; SILVA, Lucélia Gonçalves da²; BASSI, Fabrício Torchelsen²; BRUCK, Ney Roberto Váttimo³

¹Universidade Federal de Pelotas – nauita.meireles@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lusilva_85@hotmail.com; fabrício@bassi.pro.br

³Universidade Federal de Pelotas – neybruck@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Não é arte! Quem disse? É um projeto experimental vinculado a disciplina Filosofia Arte e Educação do curso de Pós Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas. O projeto visa a construção de um trabalho poético (teórico-prático) que utiliza-se de registros em vídeo de entrevistas com professores do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas e transeuntes do centro da cidade de Pelotas/RS.

Um dos questionamentos que surgem com a pesquisa é a ausência de um conceito universal que defina o termo *Arte*. Paralelamente a essa ausência de definição existe uma variedade de meios e suportes em que arte se manifesta na contemporaneidade, dificultando desta forma a apreensão de seus significados pelo público. Pretende-se com o projeto investigar as experiências mais significativas com arte que alguns docentes do Centro de artes da Universidade Federal de Pelotas e transeuntes do centro de Pelotas revelam ao serem abordados sobre o tema. Através da pergunta: ***Qual a sua experiência mais significativa com arte?*** A pesquisa objetiva reunir as várias experiências gravadas em vídeo e elaborar através da edição dos registros um filme que possa ser projetado no espaço urbano bem como galerias de Arte.

Ampliando e aproximando pontos de vista divergentes. Como observamos nos fragmentos de duas entrevistas realizadas respectivamente com um professor do centro de Artes e uma vendedora de artesanato do mercado público de Pelotas:

“(...) foi a primeira Bienal que eu fui (...) tinha uma obra do artista Anish Kapoor, de 1994 (...) e eu lembro que o impacto que aquela obra me causou foi tão grande, mas tão grande, (...) de alguma forma foi importante porque sempre que lembrar a minha graduação eu vou me lembrar desse momento, acho que foi deflagrador para pensar é isso que eu quero trabalhar, que eu quero analisar, que eu quero fazer, quero ver, porque de certa forma aquilo me foi deflagrador de uma transformação, acho que até na própria formação (...”).

Segundo Tânia entrevistada no Mercado Público no dia 09 de Julho de 2015:

(...) Arte pra mim é tudo que encanta, que agente gosta, que agente vive, música, um filme bom, alguma coisa que te toque, pra mim isso é arte, não existe uma definição mais concreta no caso. (...) O que eu te falei assistir o Tholl pra mim é a coisa mais linda do mundo que é uma coisa nossa, é bonita, escutar uma música que te toque, assistir um momento da vida do dia, ver uma paisagem bonita, ver o nascimento de

uma criança que tu queira. Tudo isso não tem uma coisa muito, muito assim... Conceito rígido não existe pra mim, não tem.

Estes dois fragmentos de entrevistas nos revelam percepções diferenciadas em relação a Arte.

2. METODOLOGIA

Para abordar as questões propostas estão sendo coletados relatos de experiências de professores do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas e transeuntes do centro Pelotas/RS mediado por entrevistas gravadas em vídeo. A investigação da pesquisa se dará por meio de uma pergunta norteadora, sendo ela: **Qual a sua experiência mais significativa com arte?** Por meio dos relatos serão propostas as categorias de análise mediante as respostas obtidas. A partir da análise dos relatos será realizado um vídeo experimental com reflexão sobre o material coletado. O projeto se encontra em processo de análise de dados, utilizamos a cartografia como método de pesquisa. Neste primeiro momento a ênfase se dará nas entrevistas com transeuntes do centro de Pelotas. Visto que o projeto está em processo de formação, apresento apenas alguns fragmentos dos dados coletados e alguns desdobramentos na pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos meses de Junho e Julho de 2015 realizamos entrevistas com transeuntes do centro de Pelotas. Os lugares escolhidos foram: Praça Coronel Pedro Osório, mercado público e o calçadão, pois existe nestes locais um fluxo mais intenso de pessoas, facilitando nosso encontro com o público que é muito heterogêneo. As primeiras entrevistas ocorreram na praça coronel Pedro Osório, a partir da pergunta eixo: *Qual a sua experiência mais significativa com Arte?* A maioria dos entrevistados relacionou a experiência com arte à estética, a natureza, descrevendo situações em que estas experiências ocorreram. Segundo Tânia (Fig. II) entrevistada no Mercado Público no dia 09 de Julho de 2015:

(...) Arte pra mim é tudo que encanta, que agente gosta, que agente vive, música, um filme bom, alguma coisa que te toque, pra mim isso é arte, não existe uma definição mais concreta no caso. (...) O que eu te falei assistir o Tholl pra mim é a coisa mais linda do mundo que é uma coisa nossa, é bonita, escutar uma música que te toque, assistir um momento da vida do dia, ver uma paisagem bonita, ver o nascimento de uma criança que tu queira. Tudo isso não tem uma coisa muito, muito assim... Conceito rígido não existe pra mim, não tem.



Figura II: Frame da entrevista com Tânia no Mercado Público em Pelotas/RS.

Experiência similar é relatada por Sandra entrevistada na Praça Coronel Pedro Osório:

Pra mim a arte é a essência da vida, a natureza pra mim é arte, tudo pra mim é arte assim, a forma que tu vive o que tu faz o que tu pensa, como tu cria ou deixa de criar, tudo isso é arte. Tudo que tu vive desde que tu nasce até o momento que vai embora pra mim é arte.

Alguns entrevistados relataram experiências relativas ao contato com obras de arte bem como do próprio fazer de objetos ou eventos artísticos. Foi o caso do *Casal Show* como os artistas de rua Lucia e Francisco (Fig. III) se intitulam, entrevistados no dia 09 de Julho de 2015 no calçadão de Pelotas. Segundo eles:

Nos somos conhecidos como o casal show eu sou Lucia ele o Francisco, mais conhecido como o homem da boneca (...) vamos contar nossa experiência com arte, uma experiência boa, eu graças a Deus recebi uma graça muito grande pra mim foi uma experiência que através da arte, da arte de rua eu conheci a minha mãe que me gerou e fiquei sabendo que tenho sete irmãos e que não sou Pelotense, sou natural de São Lourenço(...) agente fica muito chateado porque a nossa cidade é vista por ai a fora como uma cidade da cultura né, mas infelizmente ela não abre espaço para os artistas de rua que são aqui da terra.



Figura III: Frame da entrevista com Lúcia e Francisco no calçadão de Pelotas/RS.

No calçadão de Pelotas também encontramos Iuri, estudante de antropologia, que trabalha com música no centro da cidade. Ao ser questionado sobre sua experiência mais significativa com arte, nos relatou sua relação com a música e uma experiência em uma galeria de arte em São Paulo.

(...) eu toco de vez enquanto aqui no calçadão de Pelotas pra tirar um troco (...) uma experiência que me chamou bem a atenção que eu lembro foi uma vez entrei em uma galeria em São Paulo e ver a exposição de um artista (...) lembro de alguém comentar que as crianças quando olhavam a arte dele elas entendiam e as pessoas, os adultos não entendem muito, pois é um traço muito diferente, (...) É tão simples no fundo da alma do artista que é tão difícil de entender uma coisa que ta em todo mundo que agente não percebe de tão simples. (...) O que eu sinto quando eu toco pro público assim na rua é que de alguma forma eu contribuo pra harmonizar assim o ambiente pra tirar a tensão das pessoas, porque a música cria um ambiente (...).

4. CONCLUSÕES

Percebemos nos relatos dos transeuntes do centro de Pelotas a diversidade de experiências proporcionadas através do contato com a arte, mesmo não existindo um conceito universal para o termo *arte*, muitos entrevistados atribuíram como experiência proporcionada através atos cotidianos relacionado à beleza, também como forma de resistência como percebemos nos relatos do *Casal Show*. A pesquisa está em andamento na fase de análise das informações, entendemos que esta pesquisa aproxima as reflexões e o fazer arte na Universidade com a população, pois a discussão sobre o tema pode desamarrar modelos e provocar nas pessoas novos significados sobre arte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Luiz Cláudio. **Dispositivos de registros na arte contemporânea**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009.
- FERVENZA, Hélio. **Considerações da arte que não se parece com arte**. Revista Porto Arte: Porto Alegre, V.13, Nº 23, Novembro/2005.
- DANTO, Arthur. **O mundo como armazém**. In: **O que é fluxus? O que não é! O porquê**.Brasília/Rio de Janeiro. Centro Cultural Banco do Brasil, 2002.
- KAPROW, Allan. **A educação do a - artista**. In: Malasartes. Rio de Janeiro: n.3, 1973.
- KASTRUP, Virginia. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009